



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A representação do “Eu” nos vídeos *applications* de brasileiras que desejam ser *Au Pair* nos EUA¹

Bruna Padilha de Oliveira²

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), brunapad@hotmail.com

Resumo:

Este texto propõe fazer uma análise inicial de alguns vídeos *applications*, um importante mecanismo de convencimento de sujeitos que querem ser *Au Pair* nos EUA, a partir das reflexões realizadas pelos interacionistas simbólicos, grupo de estudiosos que fazem parte da Escola de Chicago, como George Herbert Mead, Erving Goffman, Anselm L. Strauss. O termo *Au Pair* se refere a uma forma de intercâmbio cultural em que o sujeito imigrante é recebido na casa de uma família no país receptor por um período pré-determinado durante o qual deverá cuidar das crianças desta família e realizar tarefas domésticas pelo qual é remunerado. E os vídeos *applications* são importantes ferramentas de apresentação e autopropaganda. Gravado em inglês pelo próprio (a) candidato (a) a *Au Pair* em que justifica seu interesse pelo programa de intercâmbio e tenta convencer as famílias de ser a pessoa ideal para cuidar de seus filhos. O enfoque da reflexão é pensar esses vídeos como uma forma de dramaturgia social na qual se atua a partir de uma representação de ideal de *Au Pair* que envolve a construção social do papel feminino e do cuidado.

Palavras-chave: *Au Pair*, interação social, representação, papéis sociais, gênero.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora da rede pública do Estado de São Paulo.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Introdução

O termo *Au Pair* é de origem francesa e significa ao par ou igual. O termo é utilizado para designar uma forma de intercâmbio cultural em que o sujeito imigrante é recebido na casa de uma família do país receptor por um período pré-determinado, geralmente de um ano, durante o qual deverá cuidar das crianças desta família e realizar tarefas domésticas pelo qual é remunerado. Esse intercâmbio é direcionado a jovens de ambos os sexos e idade entre 17 e 30 anos, podendo essa idade variar de país para país, que devem ser solteiros (as), não possuir filhos e ter no mínimo o Ensino Médio completo.

No caso do Programa de *Au Pair* nos Estados Unidos (EUA), recorte e objeto de análise que será apresentado neste texto, além dos requisitos básicos já indicados acima, o intercambista deverá ter entre 18 e 26 anos, nível intermediário de inglês, comprovar ter experiência de trabalho com crianças, possuir carteira de motorista e curso de conceitos básicos de desenvolvimento infantil, nutrição e segurança.

Este processo é obrigatoriamente mediado por agência reconhecida neste

país, na qual o interessado além de pagar uma taxa de inscrição deverá apresentar toda a documentação necessária. As agências formam uma plataforma com o perfil das (os) *Au Pairs* inscritos (as), o que inclui um vídeo *application* gravado em inglês pelo próprio (a) candidato (a) na qual ele/ ela faz uma rápida apresentação de si mesmo durante um tempo que varia entre dois e três minutos, justificando seu interesse pelo programa de intercâmbio e tentando convencer as famílias de ser a pessoa ideal para cuidar de seus filhos durante o período mínimo de doze meses, sendo possível prorrogar por mais um ano.

O vídeo *application* é um importante mecanismo de convencimento, sendo uma vitrine na qual as famílias americanas assistem e decidem posteriormente entrar em contato via *Skype* ou outros aplicativos de bate-papo *online* ao vivo antes de fecharem o contrato com o candidato (a) à *Au Pair*.

Este texto propõe fazer uma análise inicial de alguns vídeos *applications* que estão disponíveis de forma pública na rede social *Youtube* num canal³ que até a data de 23 de julho de 2018 disponibilizou mais

³ O nome do canal foi omitido para garantir a confidencialidade das pessoas referidas na análise do texto.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Criança

de cem exemplares deles. A proposta é analisar os vídeos mais recentes publicados no canal a partir das reflexões realizadas pelos interacionistas simbólicos, grupo de estudiosos que fazem parte da Escola de Chicago, como George Herbert Mead, Erving Goffman, Anselm L. Strauss, entre outros.

Apesar de os vídeos *applications* não terem a interação face a face entre futuros (as) *Au Pairs* e Família, eles são produzidos tendo como referência estes últimos e o ideal de “cuidado com crianças” que se constituirá na sua principal função durante o intercâmbio.

Este texto contribuirá para o desenvolvimento da minha proposta de pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, pois apesar dos EUA não ser o meu principal foco de análise, a pesquisa em andamento visa investigar, entre outras questões, quais motivações estão envolvidas para a realização do intercâmbio como *Au Pair* de jovens brasileiros, o perfil desses candidatos a *au pair*, como se configuram suas escolhas e trajetórias para outro país, etc.

O texto está organizado em duas partes, a primeira com uma apresentação dos conceitos e autores do interacionismo simbólico da qual foi utilizado para a reflexão dos vídeos e uma segunda parte

na qual será apresentado a descrição dos vídeos e breve análise dos mesmos seguida uma breve conclusão com algumas considerações sobre o que foi debatido ao longo do mesmo.

Metodologia

O campo teórico e metodológico do interacionismo simbólico foi utilizado para a análise dos vídeos *applications* das candidatas a *Au Pair* nos EUA, portanto, aqui faço uma breve revisão bibliográfica desta linha de pesquisa sociológica e sociopsicológica cunhado em 1938 por Herbert Blumer.

Ela é fruto de obras de um heterogêneo grupo de pesquisadores vinculados à Escola de Chicago (JOAS, 1999). Teve grande influência do pragmatismo, corrente filosófica que acredita que a verdade das coisas está na ação e não em algo a priori, ou seja, é a partir da ação que construímos o pensamento. Assim, o conhecimento deve ser construído a partir da interpretação das práticas dos indivíduos e não a partir de um procedimento meramente abstrato e contemplativo (COULON, 1995; DEWEY, 2007).

Além da filosofia pragmatista, esta linha de pesquisa também foi influenciada por estudos da psicologia social, a exemplo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dos estudos de George Herbert Mead a respeito da gênese social da formação da personalidade. Ao falar sobre a consciência, ação e interação social, Mead (2010) defende a ideia de que a constituição do indivíduo e o desenvolvimento do *self* são forjados no social, no contexto na qual esse indivíduo é constituído, num processo duplo de internalização e modificação do social.

O autor, portanto, apesar de considerar a importância do social nas ações dos indivíduos como fez Durkheim (1989), se distancia deste por considerar o desenvolvimento do *self* como algo reflexivo e autocontrolado. Desta forma, se contrapõe a uma análise mais estrutural/sistêmica como a do sociólogo francês que enxerga a sociedade como impondo regras aos indivíduos.

Mead (2010) afirma que o desenvolvimento do *self* passa pelo processo de incorporação das regras e normas sociais (ou o “outro generalizado”) pelo indivíduo através do processo de socialização. Assim, quando interagimos ajustamos a nossa ação com a presunção ou expectativas que construímos da ação dos outros e vice-versa. Este “outro generalizado seria uma “(...) organização de atitudes de todos os envolvidos no processo” (ibid. p.132).

Desta maneira,

[...] em situações sociais, o agente é, ele próprio, uma fonte de estímulo para seu parceiro. Ele deve então estar atento a seus modos de ação, uma vez que estes suscitam reações do parceiro e, por isso, tornam-se condições para a continuidade de suas próprias ações. Nesse tipo de situação, não apenas a consciência, mas também a autoconsciência são funcionalmente requeridas” (JOAS, 1999, p.139).

Podemos aproximar essa definição da ideia apresentada acima com a de plausibilidade da ação social defendida por Weber (2014), pois agimos a partir de sentidos socialmente referidos e compartilhados dentro de uma gramática de relação social ou situação específica, se quisermos usar o conceito utilizado pelos interacionistas simbólicos. A interação, assim, apesar de se estabelecer no micro reflete o macro social.

Observamos uma relação desse campo teórico com os escritos de Simmel (2006), pois este estabeleceu o estudo das formas e conteúdos das interações sociais como objeto de estudo da sociologia. O pensador alemão teve influência direta sobre a Escola de Chicago, pois chegou a ser professor de Robert Park (um dos pioneiros da escola) e também por seus escritos terem sido traduzidos e publicados



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

no *American Journal of Sociology*, revista associada a linha interacionista de pesquisa (BECKER, 1996).

Simmel reconhece a historicidade e transitoriedade da realidade social, algo que está em constante movimento, pois os laços de associações entre os indivíduos são constantemente feitos e desfeitos, sendo a vida cotidiana um fluir contínuo (SIMMEL, 2004). Já o autor Waizbort (2008, p.5) define a sociologia simmeliana como aquela que tem o papel de:

[...] não apenas analisar as formas [sociais] enquanto tais como, por detrás delas, perceber como elas são resultado e configurações históricas (portanto momentâneas, mesmo que de longa ou longuíssima duração) de processos que, por detrás delas, continuam em ação e movimento. É isso que faz com que o conceito de interação ocupe a posição-chave [...], pois ele é a ‘ferramenta’ que desvenda por entre as formas os movimentos que nelas confluem e das quais elas são resultados”.

Assim, apesar de priorizar a análise microsocial da interação entre os indivíduos, Simmel (1994) não deixa de associá-la aos laços sócio-históricos que configuram a nossa existência, não colocando, entretanto, as interações como meros produtos sociais, como Durkheim enfatiza, mas como algo fluido, espontâneo

e transcendente aos limites instituídos socialmente.

De forma semelhante a Simmel, a linha de pesquisa denominada de interacionismo simbólico também sustenta a ideia de que a vida social é algo aberto e dinâmico:

Seu enfoque são os processos de interação - ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca -, ao passo que o exame desses processos se baseia num contexto específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social. O caso prototípico é o das relações sociais em que a ação não adota a forma de mera transferência de regras fixas em ações, mas em que as definições das relações são, recíproca e conjuntamente propostas e estabelecidas. Assim as relações sociais são vistas, não como algo estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo por parte dos membros da comunidade (JOAS, 1999, p.130).

Assim como as relações sociais são fluídas, nossa identidade também o é. Ajustamos nosso *self* e ação através da ação do outro e da situação a qual estamos inseridos. Sobre essa questão Goffman (1985), outro autor dessa linha de pesquisa sociológica, faz um paralelo entre as



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

interações sociais e o teatro e utiliza dos elementos presentes neste último para pensar a vida cotidiana, como a fachada⁴, o cenário⁵, o palco, a plateia, o papel e desempenho do ator, seu repertório⁶, de modo a pensar diferentes situações e contextos da realidade social como uma espécie de dramaturgia.

Desta forma, os atores sociais representam diferentes papéis sociais ao se modificar seus interlocutores, cenário, fachada, de modo a manipular uma impressão específica para cada situação específica e convencer seu público do papel a qual está representando. Ao longo do nosso processo de socialização aprendemos valores oficiais comuns da sociedade a qual se idealiza para cada contexto e papel⁷ socialmente estabelecido de modo a saber manipular tanto nossa fachada pessoal/ aparência quanto nossos

⁴ O que está a frente do palco e local onde se desenvolve a representação. Goffman (1985, p.31) também se utiliza do termo “fachada pessoal” para se referir a elementos do próprio ator como “(...) vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes”.

⁵ Compreende a mobília, a decoração, a disposição física, o pano de fundo e suportes do palco (GOFFMAN, 1985).

⁶ Experiências anteriores com aquela situação ou regras já pré-estabelecidas para aquela situação e da qual já presumimos anteriormente e ajustamos nossa conduta.

⁷ “Um papel, portanto, pode ser definido como uma resposta tipificada a uma expectativa tipificada. A sociedade pré definiu a tipologia fundamental (...). O papel oferece o padrão segundo o qual o indivíduo deve agir na situação (...)” (BERGER, 2007, p.108-109).

gestos e comportamento para que não se coloquem em contradição e não se perca a coerência do que se está representando ou a ideia que se quer transmitir.

Por representação entende-se “(...) toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p.29). A partir dessa definição de representação, podemos dizer que esse autor entende o conceito de identidade como algo dinâmico que se modifica a cada situação, cada indivíduo representa diferentes papéis sociais ao longo de sua vida.

Strauss (1999, p.29) ao também abordar esse assunto irá afirmar que:

O conceito de identidade é tão esquivo quanto o é o senso que toda pessoa tem de sua própria identidade pessoal. Mas, seja o que for, a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos - por nós mesmos ou pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que eles fazem dela. As máscaras que ela exhibe então e depois ao mundo e a seus habitantes são moldados de acordo com o que ela consegue antecipar de seus julgamentos.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Strauss (1999) considera a linguagem como um elemento central na discussão sobre identidade, pois é através dela que nomeamos, classificamos e avaliamos, o que nos permite conhecer uma pessoa. Pela linguagem podemos interpretar a nós mesmos e ao outro e nos moldarmos de acordo com o contexto da qual estamos inseridos. Sendo, portanto, o *self* passível de reexame e as autoavaliações nos conduzem a tomadas de decisões quanto ao que se deve evitar fazer ou realizar de outra forma (reflexão sobre o que pode ou não pode, o que deve ou não deve, o que quer ou não quer).

As interações sociais possuem um caráter simbólico e relacional e é por isso que existe o desenvolvimento e a variação de contextos e identidades, além disso, esse caráter é responsável por delimitar e demarcar a “afiliação” dos indivíduos aos diferentes grupos sociais. Desta forma, as identidades se constituem tanto de uma história pessoal/individual quanto de histórias sociais/afiliações a grupos que também possuem uma história/passado próprios (STRAUSS, 1999).

Sobre a importância do contexto/situação das interações sociais e sua interferência nos *selfies* das pessoas, Blumer (1977, p.36-37) afirma o seguinte:

[...] em nossa opinião, a sociedade humana acha-se composta por indivíduos que desenvolveram o seu “Eu”; a ação individual é uma construção e não uma ação espontânea, sendo construída pelo indivíduo mercê das características das situações que ele interpreta e a partir das quais ele age.

Tendo essa ideia colocada acima como pressuposto, entende-se que é impossível entendermos as pessoas e suas interações sociais sem que consideremos a situação/contexto a qual ela está inserida e a relação que ela estabelece com o outro, sem esquecer as estruturas sociais e das relações de poder ali presentes, tendo nela uma tensão entre mudança/continuidade, liberdade/coerção (STRAUSS, 1999).

Essa discussão sobre o aspecto construído da identidade e a influência do meio social no desenvolvimento do *self* e de sua representação discutida pelos diferentes autores citados e demonstrado ligeiramente acima, pode ser complementado e conectado com a discussão de Butler (2003) sobre identidade de gênero/sexo e seu questionamento sobre o essencialismo destas noções. Apesar dela não fazer parte da Escola de Chicago, nem da linha de pesquisa do Interacionismo Simbólico a qual este texto se propôs adotar na análise dos vídeos, mas penso que dialoga com a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

questão da representação e papel social construído a respeito do trabalho de *Au Pair*. Segunda a autora,

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem-sucedida, desconstruiria a aparência substância do gênero, desmembrando-a em seus atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2003, p.59).

Desta forma, o gênero é definido por essa pensadora como atos repetidos no corpo, da qual a identidade construída é performaticamente expressa através de práticas reguladoras coerentes com o que seria a essência da concepção binária e biológica do “macho” e da “fêmea”, ou de ser “homem” e ser “mulher”.

A autora é aqui referida, pois a identidade de *Au Pair* é construída a partir de uma referência demarcada de papel de gênero feminino, pois o intercambista irá se ocupar de atividades do espaço privado, doméstico, do cuidado, historicamente vinculado às mulheres.

Vamos discutir isso no tópico a seguir, abordando a maneira como as pessoas interessadas nesse programa de intercâmbio performam (no vídeo *application*) para suas possíveis futuras famílias anfitriãs nos EUA, com quem irão conviver na mesma casa por um tempo considerável e irão dividir os cuidados dos seus filhos.

Resultados e Discussão

Para uma análise inicial das motivações de jovens brasileiros que agem em torno de um projeto de vida que envolve serem *Au Pairs* nos EUA, selecionamos 10 vídeos *applications* disponíveis em um canal do *Youtube*, com o intuito de refletir sobre o modo como estes representam o seu “Eu” em torno do ideal do que requer o papel a ser realizado na atividade de intercâmbio.

Os vídeos publicados são de jovens entre 20 e 26 anos, todas do sexo feminino, oito delas são da região sudeste (estados de Minas Gerais e São Paulo), uma do centro-oeste (Cuiabá-MT) e uma do nordeste (Recife-PE). Com relação ao grau de instrução: quatro delas são estudantes universitárias, uma possui curso técnico, duas já concluíram o ensino superior e três não colocaram essa informação no vídeo, mas provavelmente possuem ensino médio



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

por ser um pré-requisito do programa de intercâmbio.

Ao observar de forma rápida os vídeos publicados no canal referido, verificamos que nenhum deles são de jovens do sexo masculino. Apesar de não haver restrição de sexo para ser *Au Pair*, a maioria dos indivíduos que procuram esta experiência no exterior são mulheres, pois envolve atividades relacionadas ao trabalho doméstico e o cuidado de crianças, atividades estas que historicamente foram atribuídas às mulheres.

A estrutura dos vídeos é muito semelhante: elas apresentam o nome, idade, a cidade onde vivem, falam e mostram a família, o que gostam de fazer no tempo livre, suas experiências com crianças e como motoristas (esse últimos são pré-requisitos do programa de intercâmbio nos EUA), bem como qualidades pessoais e porque querem se *Au Pair*.

Ao demonstrar a família sempre se enfatiza ter boa relação com eles, mesmo que os pais sejam separados. As fotos ou vídeos dos membros da família são sempre abraçados e em momentos felizes. Nos casos em que elas possuem irmãos mais novos ou outros familiares (primos/sobrinhos), enfatizam cuidar deles: alimentando-os, auxiliando-os nos deveres

da escola, em casa, brincando com eles (sete casos dos dez analisados). Performam essa atividade como se fosse uma qualidade quase que natural. Além de demonstrarem desenvoltura em atividades domésticas se utilizando principalmente de imagens/filmagens ou afirmando que elas cozinham (apareceu em cinco dos dez vídeos observados).

Ainda com relação às experiências com crianças, além de trabalhos informais no cuidado de crianças da própria família, elas demonstram experiências mais formais ou pelo menos com um aspecto mais profissional nessa área de trabalho, principalmente em escolas ou em espaços de entretenimento infantil. Um questionamento que podemos formular é: essas atividades profissionais e informais com crianças já faziam parte do cotidiano de vida dessas candidatas a *Au Pair* (como algo já tradicional de suas condutas) ou elas procuraram se envolver com essas atividades, pois estão conduzidas pelo objetivo de serem *Au Pairs*?

Essa questão não é possível de ser respondida apenas com a análise dos vídeos *applications*, mas se utilizando de outros recursos metodológicos como entrevistas e a história de vida desses atores sociais, entretanto, podemos afirmar, a partir do que já foi discutido anteriormente, de que elas estão ajustando



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

a sua identidade com a motivação de serem convidadas pelas famílias que as assistem a serem suas futuras *Au Pairs*, e para tanto, devem demonstrar desenvoltura e experiências anteriores no cuidado de crianças.

É interessante e importante destacar ainda sobre esta questão que as jovens brasileiras nos vídeos interagem com crianças tanto em atividades em grupo quanto com alguma criança individualmente, no colo e com maior proximidade. Além de se auto avaliarem como pacientes, responsáveis, amáveis, cuidadosas e adorarem crianças (em todos os vídeos aparecem pelo menos um desses adjetivos). Características estas que tem a ver com as estruturas reguladoras do gênero feminino discutidas por Butler (2003), que conduzem as nossas práticas corporais, nossos gestos e comportamentos construídos como ideais para determinado tipo humano. O que influi num tipo de disciplinamento do corpo e numa espécie de subjetivação do trabalho de cuidado a qual se quer demonstrar possuir esse adestramento de seu próprio “Eu” dentro dessa relação social específica.

Além dessas características comuns aos vídeos analisados, em alguns deles as jovens se utilizam de mecanismo de distinção ao enfatizar determinados *status* sociais, como o fato de já terem vivido

uma experiência no exterior, seja a partir de algum intercâmbio ou viagens a turismo.

Em um dos vídeos, uma menina apresenta a fala de seus pais anfitriões de quando ela fez intercâmbio quando estava no ensino médio nos EUA. E outra afirma já ter feito um intercâmbio profissional após terminar a faculdade de administração e coloca diferentes fotos de paisagens turísticas de diversas partes da Europa (*Torre Eiffel, Big Ben, Disney*), numa tentativa de se filiarem a determinados grupos e uma história pessoal distinta.

Conclusões

Este texto apresentou uma análise introdutória de alguns vídeos *applications* de brasileiras que querem viver a experiência de intercâmbio como *Au Pair* nos EUA a partir do referencial teórico do Interacionismo Simbólico, numa tentativa de exercitar a reflexão a partir de outra perspectiva, diferente da que eu tenho utilizado na construção da minha problemática de pesquisa, entretanto, pude prestar mais atenção em alguns aspectos que muitas vezes tenho deixado de lado como a questão de como se dá a construção da identidade dessas jovens como *Au Pairs*.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Vimos que esse processo é dinâmico, devendo ser levado em conta o contexto na qual as interações estão inseridas, bem como o *status* ou grupo de filiação a qual os indivíduos estão vinculados e isso passa por intersecções de classe, raça, gênero, nacionalidade, entre outras estruturas sociais, aspectos estes que possuem centralidade em minha pesquisa.

O programa de intercâmbio em questão envolve várias relações sociais que se interpõem, como: a relação *Au Pair*/criança; *Au Pair*/família anfitriã; *Au Pair*/ agência de intercâmbio, estrangeiro/nativo; empregado/patrão. Relações estas das quais se constituem diferentes tipos de identidade e estratégias de ações das quais emergem hierarquias e tensões. Desta forma, adquire importância como questão sociológica a investigação de como se constituem estas identidades, hierarquias e formas de interações sociais.

Podemos observar através da análise dos vídeos que a representação do “Eu” dessas futuras *Au Pairs* se constituem a partir de um repertório do que elas entendem por esta atividade e das avaliações dos outros que funcionam como espelhos, sendo em geral a representação de um papel muito bem estereotipado de um ideal de feminino e do trabalho de cuidado que foi construído a partir de relações sociais vivenciadas

principalmente no ambiente doméstico e familiar, das quais elas pegam como referência.

É importante destacar que as redes sociais da *internet* como o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* são importantes instrumentos de troca de informações entre jovens que já foram *Au Pair* e as que planejam ser, sendo esses canais utilizados para ajustar o modo como então constroem, representam e editam os vídeos *applications*.

Referências:

BECKER, H. “Conferência: A Escola de Chicago”. *Mana*, v. 2, n.2, p. 177-199, 1996.

BERGER, P. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BLUMER, H. A sociedade concebida como uma interação simbólica. In: BIRNBAUM, P; CHAZEL, F. *Teoria sociológica*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1997. p.36-40.

BUTLER, J. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, Papirus Editora, 1995.

DEWEY, J. O desenvolvimento do pragmatismo americano. *Scientiae Zudia*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 227-43, 2007.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

DURKHEIM, E. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

DURKHEIM, E.; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação. In Rodrigues, J.A (org). *Émile Durkheim – Sociologia*. São Paulo, Ática, 1993, p.183-203.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan. *Teoria Social Hoje*. São Paulo, Editora da UNESP, 1999, Jul.–Dez. 2012.

MEAD, G. H. A brincadeira, o jogo e o outro generalizado. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(1), São João del-Rei, janeiro/julho 2010.

SIMMEL, G. O âmbito da sociologia. In: _____. *Questões fundamentais em Sociologia*, Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (Nova biblioteca).

SIMMEL, G. La trascendencia de la vida. In: _____. *Intuición de la vida: cuatro capítulos de metafísica*. Terramar: Argentina, 2004.

STRAUSS, A. L. *Espelhos e Máscaras*. São Paulo, EdUSP, 1999. P. 11 – 60, 149-173.

WAIZBORT, L. “Georg Simmel sobre a moda, uma aula”, *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, v. 1, abril-agosto 2008.

WEBER, M. Conceitos sociológicos fundamentais. In: *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014. p.3-35.